

MONTE MOZINHO. UMA CERÂMICA DE PASTA BRANCA*

Teresa Pires de Carvalho**

RESUMO:

Estudo de um conjunto de cerâmicas romanas de pasta branca encontradas no Monte Mozinho (Penafiel), povoado castrejo romanizado do Norte de Portugal, ocupado entre os séculos I e V da nossa Era. Este conjunto foi isolado no âmbito de uma grande quantidade de fragmentos de cerâmicas de pasta branca e submetido a análises macroscópicas e químicas. Apesar de continuarmos sem resposta para muitas questões em torno destas cerâmicas, foi possível estabelecer uma cronologia para o seu fabrico – entre os fins do Séc. I a.C. e os meados do Séc. I d.C. – assim como determinar a sua área de produção, que se devia situar no sul da Península Ibérica.

Palavras-chave: Cerâmica romana, Monte Mozinho

ABSTRACT:

A particular roman ceramic of white fabric was found at Monte Mozinho, which is a romanized Northern Portuguese iron age hillfort, occupied from 1st to 5th centuries AD. This particular fabric was characterized and isolated from a large sample of white fabric pottery, and both macroscopic and chemical analyses were done in order to establish the origin of this pottery. However some questions remain unanswered, one was able to ascertain the chronology of this pottery production – end of 1st century BC to mid 1st century AD – as well as its area of production: somewhere in the south of Iberian Peninsula.

Key-words: Roman ceramics, Monte Mozinho

I. INTRODUÇÃO¹

Dentro das cerâmicas que foram exumadas em Mozinho (e não incluídas nos grupos de importação claramente definidos), destacam-se pela singularidade das suas pastas, as de cor branca ou esbranquiçada. Dentro destas, foram isoladas já há cerca de três décadas as denominadas

* Este artigo foi apresentado em 1997 no Colóquio “Castrexos e Romanos no Noroeste” de Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que se realizou em Santiago de Compostela em Outubro de 1997. Por vicissitudes várias, as actas nunca foram publicadas, tendo-nos sido enviado recentemente o referido artigo. Aproveitamos para o publicar agora mantendo-o na íntegra, embora conscientes dos estudos que entretanto foram publicados sobre temáticas semelhantes, sobretudo em Braga, com evidentes actualizações bibliográficas.

** Arqueóloga responsável pela investigação no castro de Monte Mozinho.

¹ Agradecemos à Doutora Teresa Soeiro, Directora do Museu Municipal de Penafiel, a disponibilização das cerâmicas e o incentivo dado para este estudo.

Aproveitamos também para agradecer à Dra. Teresa Seixas a disponibilidade que teve na interpretação das análises químicas, bem como ao Instituto Geológico e Mineiro do Porto, que as realizou.

bracarenses (ALARCÃO, A. 1966), caracterizadas quer pela pasta branca, depurada, quer também pelo tipo de acabamento engobado num tom laranja acastanhado, com algumas variações, quer ainda pelas formas, que imitavam predominantemente as formas das *sigillatas*, e em menor grau as “Paredes Finas” para além de raras formas individualizadas (ALARCÃO, A.; MARTINS 1976: 2). Tratava-se, em suma, de uma produção provavelmente regional (elas não apareciam a sul do Mondego, sendo vestigiais em Conímbriga), confinando-se ao espaço do Noroeste Peninsular, sobretudo português. Com o passar dos anos, foi-se confirmando a sua difusão noroestina, com aparecimento de novas formas em *Aquis Querquennis*. Esta delimitação regional levou sempre os arqueólogos a considerarem-na uma produção do noroeste, subsistindo as dúvidas de que existiriam um ou vários centros de produção. Portanto, dentro das cerâmicas de pasta branca, este grupo deixou de fazer parte das chamadas cerâmicas comuns por se ter determinado um razoável raio de difusão e características muito próprias, que possibilitaram a definição de um tipo.

Com pasta de características semelhantes, embora com diferente tratamento de superfície, há outro grupo de cerâmica, vagamente denominado de “cerâmica pintada”, de que não há nenhum estudo sistematizado sobre as formas e esquemas decorativos, englobando-se neste *item*, cerâmicas de cronologias e quiçá origens diferentes. Ela aparece também referenciada na bibliografia quer referida a escavações de castros ou outros assentamentos, quer em artigos de especialidade cerâmica (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ 1991; MARTÍN 1992; RODRÍGUEZ GONZÁLEZ 1992, ALCORTA 1995, entre outros). Descrevem-se tipos iconográficos procurando-se apontar e definir as influências indígenas (ALMEIDA 1974a: 13; ABASCAL PALAZÓN, 1984:194; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ 1991: 23), mas não se avança muito sobre as constantes das formas ou sobre as características das pastas, ou qual a relação forma/ pasta/acabamento/decoração. Parece ser aceite que as pastas dos exemplares desta cerâmica e as da “bracarense” são extremamente parecidas (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ 1991: 23), colocando as questões de se saber se eram os mesmos os centros de produção ou se haveria divisão de produções especializadas e de oleiros com características próprias, embora usassem hipoteticamente os mesmos barreiros. Há uma separação nítida nas formas: enquanto que a bracarense (pelo menos a aparecida em estações portuguesas) tem uma panóplia de formas baseada quiçá em serviços (como as formas 35 e 36) de serventia mais ligada à comida sólida, as formas da “cerâmica pintada” são prioritariamente de contenção e utilização de líquidos, exceptuando-se os casos de “tentativa de adaptação” (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ 1991: 31), patentes em formas 35-36 pintadas de Mozinho (ALMEIDA 1977: 5, Est. IV, 6 e 7), embora sendo um caso raro nas formas típicas desta produção. Cronologicamente, as duas produções encontram-se nos mesmos estratos, entre meados e fins do séc. I d.C.

Para além destes dois grandes grupos sobejamente conhecidos nos povoados romanizados do Noroeste peninsular (a que chamamos Grupo I e II de pastas, respectivamente Bracarense e Pintada), há outros de difícil definição por não se conhecerem globalmente as formas (estão bastante fragmentados) e por não aparecerem claramente definidos e isolados na bibliografia, misturando-se com a denominada cerâmica comum.

Em Mozinho há pelo menos mais três grupos de cerâmicas por identificar, mas cujas pastas têm semelhanças com as anteriormente descritas: esbranquiçadas, muito depuradas, com poucos desengordurantes, finos e dispersos (pequenas pigmentações de óxidos de ferro, raríssimas micas, poucos grãos de quartzo, observados a lupa binocular, com aumento de 10x), de pasta tenra ou dura, alguns parecendo melhor cozidos que outros. O que leva à distinção dos três grupos é o tipo de acabamento, as formas fragmentárias e ligeiras diferenças na dureza das pastas.

Assim, teríamos um grupo (ainda mal definido) constituído por cerâmicas bem cozidas, de pasta fina, esbranquiçada, muito depurada e dura, quase sem vacúolos, com forte alisamento na superfície externa, parecendo inclusivamente haver um engobe ou aguada amarelada (Munsell 2,5 Y 9/6) muito macia, que denominaremos grupo IV. Tem traços de bom torneamento, com pés “de bolacha”, chatos, com sulco e as formas são globalmente púcaros e jarros.

Um segundo grupo, de “menor qualidade”, teria um acabamento mais fraco, com ligeira aguada ou apenas alisado e por vezes mal, notando-se os traços do pano utilizado para o alisamento. Deixa traços brancos amarelados (Munsell 2,5 Y 8/4 e 9/4) nos dedos, quando manuseado. Apresenta fragmentos bem cozidos e outros aparentemente pior, tendo por vezes uma decoração em meandros incisivos. Não é possível determinar as formas deste grupo, parecendo, no entanto, destinarem-se também à utilização de líquidos: bordos e pés de púcaros. Será o grupo III.

Finalmente um terceiro grupo, que será o objecto do nosso estudo, constituído por fragmentos muito pequenos e incompletos, de formas de pequenos púcaros com vários perfis de bordo e jarros, mais ou menos tipificados. A pasta é muito tenra, depurada, de paredes finas e frágeis. Este grupo distingue-se dos outros pelo tipo de pasta, tão porosa que parece vulcânica, não fora a sua cor branca ou levemente rosada. O acabamento é sempre feito com alisamento não muito forte e por vezes parece ter levado uma ligeira aguada esbranquiçada. A superfície apresenta-se geralmente pouco lisa, algo rugosa. É o grupo V.

O que torna esta cerâmica especial é a sua cronologia, ligada aos estratos mais antigos do povoado (juntamente com as sigillatas itálicas e as ânforas Dressel 1) e o facto de aparecer em vários castros do noroeste, sempre nas mesmas amostras fragmentárias e com as mesmas formas. Há evidentemente poucos materiais para se poderem definir conjuntos de formas e determinar tipologias, mas no entanto a sua homogeneidade e constância levaram a sobre ela nos debruçarmos e tentarmos definir as grandes linhas da sua existência.

Um dos problemas que se colocam relativamente a esta cerâmica, resulta da semelhança macroscópica das pastas: poder-se-à determinar uma mesma proveniência para todas elas? E a sua origem seria noroestina, como parece acontecer com a “bracarense”, que só aparece no noroeste? Ou procederia de outros lugares? No primeiro caso, corresponderia a uma escolha gerada pela existência na região de barreiros com determinadas características caulínicas, que conferem a cor esbranquiçada à cerâmica. Se as origens são diferentes, poder-se-à primeiro avaliar as diferenças cronológicas e tentar relacioná-las com os locais de origem, o mesmo que é dizer com o comércio. Num caso ou no outro parece, de facto, significar um gosto pela coloração específica esbranquiçada.

II. OBJECTIVOS

Perante os dados de que dispúnhamos, importava saber em primeiro lugar, qual era a proveniência do nosso grupo cerâmico, se se tratava de cerâmica regional ou oriunda de comércio a longa distância, que outras cerâmicas a tinham acompanhado, se era afim dos outros grupos de pasta branca acima descritos. Para responder a esta última questão e ir eliminando hipóteses, submeteram-se a análise arqueométrica fragmentos de cada um dos grupos, tendo dois *pivots*: a bracarense e um fragmento de ânfora da Bética. Pretendia-se saber se haveria diferenças de fabrico e de origem entre todas estas produções.

III. METODOLOGIA

1. Como primeiro passo, foram observados todos os registos respeitantes às escavações de Monte Mozinho no Museu de Penafiel, onde estão guardados os fragmentos por estratos quadriculados, ou seja pela sua localização em três dimensões. Assim, foi possível seleccionar os fragmentos pretendidos e ao mesmo tempo, observar os vários contextos em que estavam inseridos. Nesta primeira pesquisa retirámos todos os fragmentos da cerâmica que constitui o nosso objecto de estudo, bem como fragmentos das de pasta branca anteriormente referidas e por vezes confundíveis;

2. Foram em seguida analisadas as pastas de todos os fragmentos, de forma macroscópica, seguindo-se para isso uma determinada metodologia, como à frente se pormenoriza. Consideramos extremamente importante a análise macroscópica quando se estuda uma cerâmica, constituindo o primeiro passo e quase sempre decisivo. As respostas da aplicação arqueométrica às cerâmicas só terão validade quando tiverem que responder a premissas concretas e quando houver sobre o objecto o maior conhecimento possível – arqueológico e macroscópico – pois, de contrário, arriscamo-nos a fazer meros exercícios formais, sem respostas conclusivas. A definição de grupos, a partir de conjuntos de características de um determinado tipo, é fundamental para a percepção das diferenças e sua relativa valorização. Só então, se as perguntas não conseguirem encontrar respostas, se deverá avançar para outro tipo de análise.

A metodologia tradicional de análise para a descrição da pasta (BUXEDA *et. al.* 1995: 40) foi feita em todos os fragmentos observados, incluindo os grupos anteriormente descritos, a fim de se poderem distinguir características grupais; a fractura foi feita no momento da observação, no sentido da secção e sob as mesmas condições de luz (lâmpada incandescente, de vidro translúcido, de 100 W, incidindo sempre no mesmo ângulo);

As cores foram vistas através do código de cores de Cailleux e convertidas para a nomenclatura de Munsell, por ser aquela que aparece na bibliografia de referência. As cores foram tiradas no núcleo e, nos casos de grandes diferenças, nas superfícies.

A análise da fractura partiu de três critérios básicos, com os quais se fizeram as combinações possíveis: lisa, rugosa e escalonada ou laminada (quando se apresenta em forma de camadas sobrepostas).

As inclusões não plásticas foram consideradas a partir da sua coloração e do seu calibre, calculado subjectiva e macroscopicamente, a partir de critérios de natureza dimensional: pequeno (só visível com lupa de aumento 10 vezes); médio (visível a olho nú, em observação atenta, como pontos); grande (claramente visível a olho nú, embora no caso destas cerâmicas raramente ultrapassem o 0,5 mm. A quantidade e distribuição também foram tomadas em conta. Apesar de qualquer valorização mineralógica requerer uma caracterização petrológica, feita por lâminas delgadas e Difracção de Rx, apresentamos as pequenas variações referidas, por se tratar de uma cerâmica muito depurada, com raras inclusões e, que por isso, se diferencia claramente de outros tipos, nomeadamente de origem castreja.

Quanto à porosidade, foram considerados os vacúolos individualizáveis e quantificáveis e a sua forma.

3. Há dois grandes tipos de análises arqueométricas a submeter as cerâmicas: análise quantitativa, através dos seus componentes químicos (muito útil sobretudo no que diz respeito a cerâmicas muito depuradas, como sejam as sigillatas e onde já há bastante literatura de referência, quer acerca dos métodos utilizados, quer acerca dos resultados) e análise qualitativa, por meio da constituição petrológica e mineralógica da cerâmica (PICON 1992: 5). Neste caso concreto foi utilizada apenas a análise quantitativa e semi-quantitativa por fluorescência de Rx, usando-se a primeira para determinação dos elementos menores² e a segunda análise destinada aos elementos maiores, para confirmação dos resultados.

IV. IDENTIFICAÇÃO DA CERÂMICA

Da observação das pastas, determinaram-se algumas variações, sem que houvesse uma clara correspondência com as formas e acabamentos. As pequenas diferenças não foram, por isso, grandemente valorizadas, embora possam ser confirmadas ou não, em futuras análises arqueométricas, feitas numa maior extensão e maior número de indivíduos.

² Segundo a dra. Teresa Seixas, são os responsáveis “genéticos” pelas diferenças grupais.

1. Descrição da pasta:

Como características gerais, tratam-se de pastas pouco consistentes, muito depuradas e leves (porosas), parecendo pouco cozidas e quebram com facilidade. A pouca dureza é outra constante, podendo considerar-se as suas superfícies de dureza 1-2 da escala de Mohs, pois desfazem-se com os dedos e riscam-se facilmente com a unha. A raridade de grãos não plásticos nesta cerâmica sugere uma lavagem ou decantação cuidada e atenta do barro, ao qual foram retirados os maiores grãos.

Foi possível distinguir alguns sub-grupos, de acordo com ligeiras diferenças que, contudo, não parecem significar diferentes fábricas. No entanto, pode ter havido várias formas de amassar o barro, o que daria as pequenas diferenciações verificadas. Assim, considerámos:

- Pasta branda, de fractura lisa-laminada, fina, com raros vacúolos alongados, inclusões não plásticas ponteadas, sendo as mais frequentes, as de médio calibre – grãos brancos (quartzo), torrões vermelhos, redondos e espaçados (argilas ou óxidos de ferro); de menor calibre – partículas brilhantes (micas); de calibre grosso – raros grãos cinzentos.
- Pasta branda, muito semelhante à anterior, de textura lisa-laminada, com muitos vacúolos alongados e algumas inclusões não plásticas; de calibre fino – partículas brilhantes (micas); calibre médio (o mais frequente) – grãos brancos (quartzo), torrões vermelhos (argilas ou óxidos de ferro).
- Pasta branda, de textura lisa-rugosa, quase sem inclusões não plásticas, pequenas e raras, brancas e cinzentas / negras.
- Pasta branda, de textura lisa-rugosa, com raras inclusões não plásticas, de pequeno calibre – partículas brilhantes (micas); de médio calibre – raríssimos e espaçados grãos negros; alguma porosidade, em poros não quantificáveis.

As cores são muito semelhantes, embora com algumas variações entre o amarelo pálido (Munsell 2,5 Y 7/4; 8/3; 8/4; 9/4;), que congrega a maioria dos fragmentos, o castanho muito pálido (Munsell 1QYR 7/3; 7/4; 8/4), o rosado (Munsell 7,5 YR 7/4; 2,5 YR 7/8), o amarelo-rosado (Munsell 5 YR 7/6; 7,5 YR 8/6) e o branco (Munsell 5 Y 8/1). As superfícies são quase sempre mais claras, esbranquiçadas, parecendo, por vezes terem tido um ligeiro engobe ou aguada, que entretanto desapareceu (Munsell 10 YR 9/2 e 5 Y 8/1). Foram sempre alisadas com um alisamento leve, resultando em superfícies ásperas e rugosas, onde se alojam com facilidade as sujidades provenientes da deposição no subsolo. Assim, apresentam-se quase todas com incrustações negras dificilmente removíveis.

2. Distinções e paralelos:

As razões da escolha e selecção deste grupo cerâmico deveram-se a várias considerações relacionadas quer com a sua cronologia, quer pela forma e sobretudo pela sua identificação como grupo por oposição aos outros tipos, embora aparentemente não se distinga. De facto, há várias semelhanças em relação às outras cerâmicas de pastas claras, anteriormente referidas e, por isso nos dispusemos a tentar uma classificação mais quantitativa, no sentido de perceber as semelhanças e/ou diferenças.

Cronologicamente, ela aparece quase sempre nos estratos de ocupação mais antiga de Mozinho, associada a *Terra Sigillata* de tipo itálico ou sudgálica, globalmente de cronologia Júlio-Claudiana. Está ausente nos sectores onde se verificou a reforma construtiva na segunda metade do século I, ou seja, nos sectores A, C e parte do D. Ocorre, portanto, num momento restrito da

vida do povoado, ainda antigo e pelas características da pasta e formas, não sugere fabrico local e muito menos pré-romano.

Por ser distintiva, possuir formas específicas e aparecer noutros locais do Noroeste (nomeadamente em Braga, onde tivemos oportunidade de observar alguns fragmentos, confirmando a mesma panóplia reduzida de formas), embora sempre em quantidades ínfimas, procurámos uma primeira definição deste grupo, no sentido de se tentar a partir de agora isolar mais formas e sobretudo mais exemplares.

Esta cerâmica distingue-se dos outros tipos cerâmicos de pastas claras essencialmente pela consistência das pastas (sendo nos demais grupos considerados sempre dura) e no tipo de acabamento, que, seja por engobe, pintura ou apenas forte alisamento e/ ou polimento, confere à superfícies uma lisura totalmente diferente da do nosso grupo.

A busca de paralelos para esta cerâmica torna-se difícil e complicada, porquanto ela não vem referida na bibliografia, nem é referenciada como uma unidade isolada.

Em Conímbriga, há uma cerâmica que de algum modo apresenta algumas semelhanças com esta, embora de acabamento aparentemente diferente: é a cerâmica de engobe branco, que agrupa uma diversidade de formas e de pastas, provavelmente provenientes de diferentes centros oleiros, mas que têm o engobe externo como denominador comum (CONIMBRIGA VI: 59). Há uma forma, que se aproxima especialmente dos nossos exemplares, que é a forma 1 (CONIMBRIGA, pl. XIV.1), *pichel* de uma ou duas asas e que corresponderia ao nosso púcaro mais comum. É uma forma que ocorre em vários tipos de pasta, embora nenhuma seja exactamente igual à nossa. A pasta que mais se aproxima, seria a 4^a, definida “com um pouco de quartzo e mica, cor rosada (Munsell 5 YR 7/6), de engobe muito diluído, recobrando mal a pasta, de cor branco rosado, sendo os fragmentos raros” (CONIMBRIGA VI: 60). Não é concretizado o local de origem, referindo-se apenas ser de importação. Outras semelhanças relativamente ao nosso grupo residem no facto de, por um lado, todas as formas serem vasos de beber ou conter líquidos: *ænochoés*, *pícheis* e *potes*; por outro, aparecerem já em estratos claudianos.

Outro grupo de Conímbriga, cujas pastas se aproximam da nossa, é o da Cerâmica Comum de Importação, sobretudo as “cerâmicas brancas amareladas”. O conjunto das cerâmicas finas tem muitas semelhanças com o nosso, nomeadamente no facto de a pasta ser pouco compacta, “deixando traços nos dedos” (CONIMBRIGA VI: 72), para além da semelhança da cor. Também o tipo de formas é afim: apesar de não haver formas completas, são todos vasos de beber ou servir líquidos.

No estudo que Jeannette Nolen publicou sobre as cerâmicas de Balsa (NOLEN 1995), faz referência a um grande grupo cerâmico, de “Pastas Claras”, cuja variedade mais fina tem uma composição de pasta muito semelhante à nossa e à das ânforas (de versão mais grosseira), sendo, segundo a autora, provavelmente oriundas da Bética, considerado de âmbito regional na dimensão algarvia (NOLEN 1995: 120; 123). Caracteriza a pasta como sendo branca, com presença de cerâmica moída, mica e escassos minerais ferromagnesianos. Tal como a cerâmica em estudo, só produziu formas de louça de mesa, nomeadamente uma bilha, vários jarros e um púcaro. É considerada a mesma pasta da produção de lucernas, constatação também feita em Mozinho, para alguns fabricos, como o exemplar referido por T. Soeiro, curiosamente proveniente do mesmo estrato que algumas peças da cerâmica em estudo (SOEIRO 1984: 143).

As referências acima apontadas foram as mais próximas do nosso grupo de estudo, que encontramos na literatura da especialidade³, o que nos confirma a sua raridade, a sua fragmentação (é um facto a ausência de formas completas e a pouco variada panóplia de vasos encontrados) e o desconhecimento que sobre ela há. Por outro lado, devemos considerar a possibilidade da sua inclusão nos grupos de pastas claras, esbranquiçadas, referidos no início e com os quais

³ No recente trabalho publicado sobre Tongobriga (DIAS 1997), não encontramos nenhuma descrição de pastas que se aproxime das do nosso grupo de estudo.

mantém muitas afinidades; e, não sendo as formas mais conclusivas, obviamente que não são as publicadas.

3. Formas

Do nosso reduzido número de amostras (cerca de 80 fragmentos, dos quais apenas 39 definem perfis, quantidade semelhante à da *sigillata* de tipo itálico aparecida em Mozinho), conseguimos distinguir quatro perfis de formas, a que se acrescentaram as asas e os pés que, por não se ligarem a nenhuma forma concreta, foram considerados à parte. Não apareceu nenhum perfil completo, o que também é comparável à aludida *sigillata* de tipo itálico, talvez explicável pelo facto de se tratar de cerâmicas antigas e, portanto, sujeitas a muitos remeximentos feitos no castro e, também à sua provável reduzida importação.

Assim, considerámos os seguintes grupos, sendo os púcaros a forma de longe mais utilizada, existente em duas versões distintas. Apesar de muitos exemplares só apresentarem a parte superior do bordo, atribuímos, por comparação com outras formas mais seguras, a designação de púcaros.

O primeiro (Perfil I), é um púcaro com lábio espessado, reentrante, marcado por vinco interno, plano ou arredondado no topo; o bordo é tendencialmente alto, de paredes oblíquas rectas e esvasadas (CONÍMBRIGA VI: 61 e pl. XIV, n.º 1). Alguns exemplares apresentam uma asa, sendo crível, dada a forma que sugerem, que tivessem duas asas. Os diâmetros de boca variam entre os 150 e os 180 mm. Ilustramos com os exemplares n.º 1, 7, 24 e 27, da fig. I⁴. Apesar de ser a forma mais numerosa, é também a mais homogénea.

O segundo (Perfil II), é um púcaro com lábio ligeiramente espessado, arredondado, virado para dentro, com a parede do bordo alta, curva e côncava (n.º 13, 21, 29 e 32 da Fig. I), forma que lembra alguns púcaros das necrópoles do Alentejo (NOLEN 1985: Est. XXI e XXIII, n.º 139 e 157); incluímos aqui uma variante (n.º 15), cujo bordo é mais curto, reentrante e côncavo, com provavelmente duas asas. Parece haver dois tamanhos: um, claramente mais pequeno, de diâmetro de boca de 90 mm; outro, maior, variando entre os 120 /140 mm.

A forma seguinte (Perfil III) é a que denominámos copo (ALARCÃO, J. 1974: 34), embora possa ser considerado um pequeno pote, de boca larga, que lembra vagamente o Tipo 26 de Mercedes Vegas (VEGAS, 1973: 70). É um vaso de perfil aparentemente cilíndrico ou ligeiramente curvo, alto, com lábio espessado triangular e saliente. Os diâmetros de boca variam entre 120 e 140 mm. São os n.ºs 23 e 28 da Fig. I.

O Perfil IV refere-se a jarros⁵, genericamente de colo alto e estreito, ligeiramente curvo, com variações de bordo: virado para fora, ou de lábio espessado, triangular. Podem ter uma moldura saliente no colo, a meio, ou na ligação com a pança, que parece ser ovalada e bojuda. Globalmente, lembra a forma 38 de Mercedes Vegas (VEGAS 1973: 93) e a forma n.º 64 das Cerâmicas das Necrópoles do Alto Alentejo (NOLEN 1985: 179, Est. IX, 64). Os diâmetros de boca rondam os 40 ou 50 mm. Ilustramos com os n.º 14, 30 e 31 da Fig. I.

Vêm de seguida os pés (Perfil V), que parecem ser quer de púcaros, quer de jarros, muito semelhantes na forma, mas não nas dimensões (o que parece ter a ver com as diferenças dos vasos que sustentavam). São relativamente altos, planos, marcados por sulco circular interno, vulgarmente designados por “pés de bolacha”. Nos que têm paredes, notam-se as molduras internas típicas dos vasos fechados, feitos a torno. Os diâmetros são muito variáveis, podendo consi-

⁴ Os desenhos estão à escala 1/2.

⁵ Na nomenclatura de Jeannette Nolen (NOLEN 1985: 35), seria uma forma de bilha por ter o colo estreito; mas para Jorge Alarcão, a distinção entre bilha e jarro aparece referenciada ao bojo (ALARCÃO 1974: 34), que não existe no nosso caso; além disso, a designação em latim *lagoena* aplica-se indiferentemente aos dois casos. Por último, Jorge Alarcão refere a existência de boca trilobada nos jarros, que têm geralmente o colo alto e estreito.

derar-se dois grupos distintos: um, cerca de 50/55 mm e outro entre os 70 e 100 mm, como se observa nos n.º 8, 9, 18 e 26 da Fig. 1.

O Perfil VI é constituído por asas, todas de fita, embora algumas de contornos arredondados, mais ou menos largas, com ou sem sulco central.

Finalmente o grupo VII refere-se aos fragmentos de forma indeterminada (geralmente panças), que servem apenas de reforço ao contexto deposicional deste tipo cerâmico.

V. RESULTADOS

1. Cronologias

1. Da nossa pesquisa resultou percebermos que o nosso grupo cerâmico era muito fragmentário, apenas se encontrando em estratos fundos de áreas restritas dos sectores **a)**, **d) g) e D)**, que são os sectores com ocupação mais antiga de Mozinho, estando ausentes nos sectores **A)**, **C) e B)**, onde os materiais são de épocas mais tardias, sendo os mais antigos apenas residuais.

O quadro apresentado (QUADRO 1) relaciona os grupos formais com os locais e estratos onde apareceram, estando referenciadas quantidades em cada unidade estratigráfica. Para uma melhor percepção, indicamos aqui as referências cronológicas e contextuais para cada uma, excepto para o sector D, ainda em vias de publicação⁶.

Assim, no sector **a**, os estratos **1**, **2** e **3** correspondem a níveis superficiais e de destruição de um sector vizinho; o estrato **4** tem uma cronologia Júlio-Claudiana, onde aparecem *sigillatas* de tipo itálico Goud. 37 e 38, *sigillata* sudgálica e lucernas de volutas e bico triangular (SOEIRO 1984:138-142). O estrato **5** apresenta as mesmas formas de *sigillata* de tipo itálico e as formas drag. 27 e 15/17 de *sigillata* sudgálica, que pode apontar para uma cronologia Tibério/ Claudio.

No sector **g**, o estrato **3** está sobre um piso da época flávia, que também forneceu cerâmica bracaraense; o estrato **4** está classificado da época Júlio-Claudiana e os **5** e **6** encontram-se sob um piso de casa, sendo da primeira metade do séc. I, fornecendo *sigillata* de tipo itálico Goud. 15 (SOEIRO 1984: 167-169).

O sector **d** apresenta o estrato **2** com alguma amplitude cronológica, onde aparecem *sigillatas* de tipo itálico Goud. 17,18, 40, *sigillata* sudgálica 24/25 e *sigillata* Hispânica 15/17 e 24/25 (das formas mais antigas), parecendo-nos que a ocupação não iria muito além do reinado de Nero. O estrato **3** data do 3.º quartel do séc. I, sobre o piso de uma casa (SOEIRO 1984: 184-186).

O jarro da Necrópole provém de um “covacho pequeno, aberto na terra”, do séc. I (SOEIRO 1984: 299).

2. Análise química

Detectados alguns aspectos de distinção em relação aos outros grupos cerâmicos esbranquiçados, algumas questões se levantaram, como a de saber se os quatro grupos cerâmicos apontados no início do trabalho, teriam uma composição de pastas semelhante, que permitisse enquadrá-las num mesmo tipo de fabrico; saber se o nosso grupo de estudo se poderia ou não incluir nesse conjunto, ou se seria completamente diferente.

Devido a contingências várias, só foi possível submeter a análise arqueométrica 9 amostras cerâmicas que pretendíamos submeter a uma análise quantitativa por fluorescência de Rx, para se reconhecerem as semelhanças e diferenças das amostras em estudo e a uma análise semi-

⁶ Estas referências são as indicadas exactamente para os sítios de achado, podendo a numeração estratigráfica ter diferentes significados em áreas diferentes.

quantitativa ou qualitativa, por Difraccção de RX ou por exame microscópico de lâminas delgadas, no sentido de se obter um conhecimento mineralógico das pastas; este, poderia permitir identificar a região de proveniência das matérias-primas (SEIXAS 1996: 111-113), ou perceber se a existência do *calcium* é devida a uma matriz calcárea ou ao desengordurante calcite, por ex. (SCHNEIDER 1995: 26).

As amostras, embora grandes, não puderam ser submetidas às duas últimas análises por falta de peso, pois não atingiam os 10 gr. necessários, pelo que só foi efectuada a análise por Fluorescência de Rx. A escolha das amostras foi feita procurando-se cobrir o leque de possibilidades anteriormente consideradas. Assim, a amostra 1 pertence ao nosso grupo IV de pastas; a amostra 2, ao grupo II; a amostra 3 ao grupo III; as amostras 4 (bordo de púcaro) e 5 (pança curva), ao nosso grupo de estudo, o V; a amostra 6 era de uma ânfora bética, de pasta muito semelhante, embora mais porosa, proveniente de Braga; as amostras 7 e 8 eram também provenientes de Braga de dois vasos semelhantes aos do nosso grupo de estudo (V); finalmente a amostra 9 era de um vaso bracarense, grupo I de pastas. Esta última e a n.º 6 funcionariam como amostras de referência para as outras, porque se sabia com certeza a proveniência.

3. Descrição dos resultados obtidos pela análise

Tendo sido a Dra. Teresa Seixas que analisou os resultados obtidos, transcrevemos aqui o texto que nos entregou sobre as conclusões que se puderam enunciar.

“Com o fim de se encontrarem as possíveis semelhanças entre as 9 amostras de cerâmica de modo a serem agrupadas fez-se o estudo por fluorescência de raios X.

Os elementos menores foram os Sr, Zr, Y, Ba, Rb, Nb, Sn, e W. A partir dos teores destes elementos pudemos agrupar as amostras como se segue:

Amostras n.ºs 1, 2, 3 e 9 – com teores idênticos nestes elementos, formando um agrupamento com origem comum.

Médias – Rb – 205 p.p.m., Sr – 41 p.p.m.; Y – 61 p.p.m.; Zr – 189 p.p.m.; Nb – 45 p.p.m.; Ba – 235 p.p.m.; Sn – 35 p.p.m.

Amostras n.ºs 7 e 8 – grupo diferente do anterior, com teores idênticos entre si, pensando-se em origem comum. A amostra n.º 5, apesar de possuir um teor em bário superior, parece-nos possível incluí-la neste grupo.

Médias – Rb – 51 p.p.m.; Sr – 83 p.p.m.; Y – 19 p.p.m.; Zr – 185 p.p.m.; Nb – 17 p.p.m., Ba – 482 p.p.m.; Sn – 6 p.p.m.

Tendo em conta as amostras estudadas, a única que poderemos considerar mais próxima da n.º 6 (tomada como amostra de referência) é a n.º 4.

Médias – Rb – 58 p.p.m.; Sr – 115 p.p.m.; Y – 25 p.p.m.; Zr – 183 p.p.m.; Nb – 17 p.p.m.; Ba – 195 p.p.m.; Sn – 7 p.p.m.

O bário é o elemento mais discriminativo para todos os agrupamentos. Os outros elementos menores separam especialmente o 1º agrupamento dos restantes. (V. Gráfico do Bário).

Relativamente aos elementos maiores, Si, Al, Fe, Mg, Mn, Ti, Ca, Na, K, P, neste momento, apenas temos análise semi-quantitativa, permitindo, todavia, uma comparação entre os agrupamentos formados. Assim:

No 1º grupo os teores da alumina são superiores aos dos outros grupos e os de cálcio, fósforo e ferro, inferiores.

No 2º grupo os teores de alumina são bastante mais baixos, tendo, no entanto, teores mais elevados em óxidos de ferro, de fósforo e de cálcio.

Relativamente às amostras 4 e 6 têm teores:

- em óxido de fósforo mais baixos do que os do 2º grupo e mais elevados do que os do 1º grupo; (V. Gráfico do P).
- em alumina inferiores à do 1º grupo e superiores às do 2º grupo;
- em óxido de cálcio, também são mais elevados do que os do 1º grupo e do que os do 2º grupo; (V. Gráfico do Ca).
- em óxidos de ferro inferiores aos do 2º grupo e superiores aos do 1º grupo. (V. Gráfico do Fe).

Conclusão:

Enquanto que no 1º grupo de amostras existe uma grande homogeneidade a nível de composição química e, relativamente às n.ºs 4 e 6 ela é também suficientemente evidente, já não é tão clara a relação entre a amostra n.º 5 e as n.ºs 7 e 8, pelo que apenas pomos como hipótese formarem um grupo.

Com uma amostragem bastante superior poderíamos ter mais certezas quanto à inclusão desta amostra neste ou noutro grupo ou, até, se se trataria de uma amostra aberrante. Por outro lado, o estudo microscópico e por D.R.X. dar-nos-ia mais pistas o que não foi possível devido ao tamanho dos fragmentos ser manifestamente insuficiente.

As análises foram efectuadas no laboratório de F. R. X. do Instituto Geológico e Mineiro do Porto, pelo que ficamos gratos. Teresa Seixas.

NOTA FINAL

Pelos resultados das análises químicas, verificámos que os grupos I, II, III e IV, são muito semelhantes entre si, com pastas provavelmente da mesma origem. As restantes amostras são claramente diferentes deste grupo, registando-se pequenas diferenças entre elas que podem significar sítios de produção diferentes ou provirem todas das mesmas oficinas, questão que só se resolveria com a efectivação de várias pesquisas, em vez de uma só (PICON 1992: 7). Fica-nos a hipótese de o nosso grupo cerâmico poder ser proveniente da Bética e ter acompanhado as ânforas para os castros e povoados do Norte.

Não conseguimos responder a todas as nossas interrogações acerca deste tipo cerâmico, ficando bastante à quem das expectativas iniciais, mas tentámos identificá-lo, isolá-lo e, embora numa definição muito preliminar, procurar referências e semelhanças.

Foi modesto o contributo prestado nesta Homenagem ao nosso Professor, mas como ele próprio dizia, “é preciso pôr as cerâmicas a falar!”. Foi um começo.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1984) – “La cerámica pintada de época romana en Portugal y sus conexiones periféricas”, *Revista de Guimarães*, XCIV, p. 179-208.
- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1986) – *La cerámica pintada romana de tradición indígena en la Península Ibérica*, Madrid, p. 131-149.
- AGUAROD, C. (1992) – “Cerámica de Cocina importada”, *Arcóbriga II – Las Cerámicas Romanas*, Instituto Fernando el Católico, Zaragoza, p. 237-245.
- ALARCÃO, A. (1966) – “Bref Aperçu sur la Céramique Romaine Trouvée a Bracara Augusta”, *Rei Cretariae Fautorum Actae*, VIII, p. 45-50.
- ALARCÃO, A.; MARTINS, A. (1976) – “Uma cerâmica aparentada com as ‘Paredes Finas’ de Mérida”, *Conímbriga*, vol. XV, p. 91-109.

- ALARCÃO, J. (1974) – *Cerâmica Comum de Conímbriga*, Coimbra.
- ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1976) – *Fouilles de Conimbriga. Céramiques Diverses et Verres*, Vol. VI, Paris = CONIMBRIGA VI.
- ALCORTA IRASTORZA, E. (1991) – “Cerâmica de Cociña e Mesa en Galicia Romana a través do achádegos de *Lucus Augusti*”, *Revista Larouco*, 1, p. 35-52.
- _____ (1995) – “Avance al Estudio de la Cerámica Común Romana de Cocina y Mesa de *Lucus Augusti*”, *Ceramica Comuna Romana d’Epoca Alto – Imperiale a la Península Ibérica. Estat de la Qüestió*, Monografies Emporitanes VIII, Museu d’Arqueologia de Catalunya, p. 201-226.
- ALMEIDA, C. A. F. (1974a) – “Influências Meridionais na Cultura Castreja”, Sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, p. 205.
- ALMEIDA, C. A. F. (1974b) – *Escavações no Monte Mozinho* (1974), Centro Cultural Penafidelis, Penafiel.
- ALMEIDA, C. A. F. (1977) – *Escavações no Monte Mozinho II*, 1975-1976, Centro Cultural Penafidelis, Penafiel.
- BUXEDA, J.; CAU, M. A.; GURT, J.; TUSET, F.; (1995) – “Análisis Tradicional y Análisis Arqueométrico en el Estudio de las Cerámicas Comunes de Época Romana”, *Ceramica Comuna Romana d’Epoca Alto Imperiale a la Península Ibérica. Estat de la Qüestió*, Monografias Emporitanes VIII, Museu d’Arqueologia de Catalunya, p. 39-60.
- CAILLEUX, A. (s/d) – *Notice sur le Code des Couleurs des Sois*, Boubée, Paris.
- DIAS, L. (1997) – *Tongobriga*, IPPAR, Lisboa.
- GONZÁLEZ FERNANDEZ, E. (1991) – “*Aquis Querquennis*: Aportación ó estudio de vasos globulares pintados con decoración triangular”, *Revista Larouco*, 1, p. 13-23.
- MARTÍN, A. (1992) – “Cerâmica pintada”, *Arcóbriga II – Las Cerámicas Romanas*, Instituto Fernando el Católico, Zaragoza, p. 151-221.
- NOLEN, J. S. (1985) – *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.
- NOLEN, J. S. (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa*, I.P.M., Lisboa.
- PICON, M. (1992) – “L’Analyse Chimique des Céramiques: Bilan et perspectives”, *Archeometria della Ceramica – Problemi di Metodo*, Atti 8º SIMCER (Simposio Internazionale della Ceramica), Bologna, p. 3-26.
- ROCA, M. (1995) – “Estado actual de la Investigación de las Cerámicas Comunes de Época Romana en la Península Ibérica”, *Ceramica Comuna Romana d’Epoca Alto – Imperiale a la Península Ibérica. Estat de la Qüestió*, Monografies Emporitanes VIII, Museu d’Arqueologia de Catalunya, p. 9-12.
- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, X. (1992) – “Contribución al conocimiento de la cerâmica pintada altoimperiale en Galicia. Cerâmica ‘tipo Clunia’ de Santomé (Orense)”, *Finis Terrae – Estudos em lembrança do Prof. Dr. Alberto Balil*, Universidad de Santiago de Compostela, p. 27-314.
- SCHNEIDER, G. (1995) – “A short note on project planning and sampling”, *The Aim of Laboratory Analyses of Ceramics*, Archaeology, Konferenser, 34, Stockholm, p. 23-27.

MONTE MOZINHO.
UMA CERÂMICA DE PASTA BRANCA

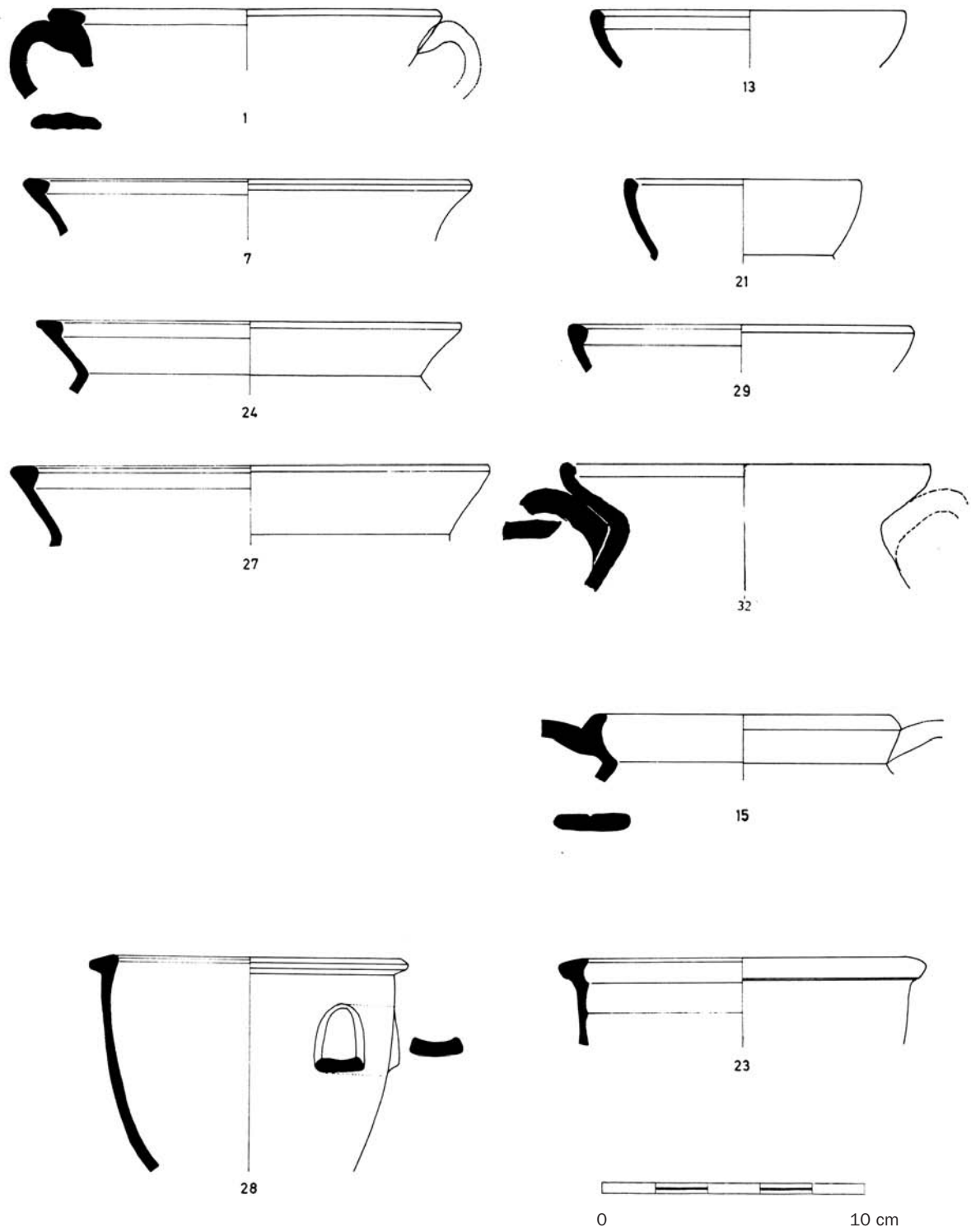


Fig. 1 - Formas dos vasos: púcaros e copos

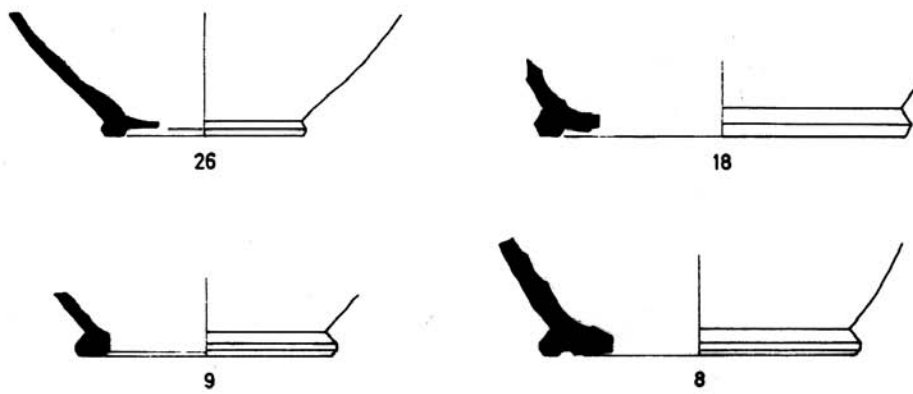
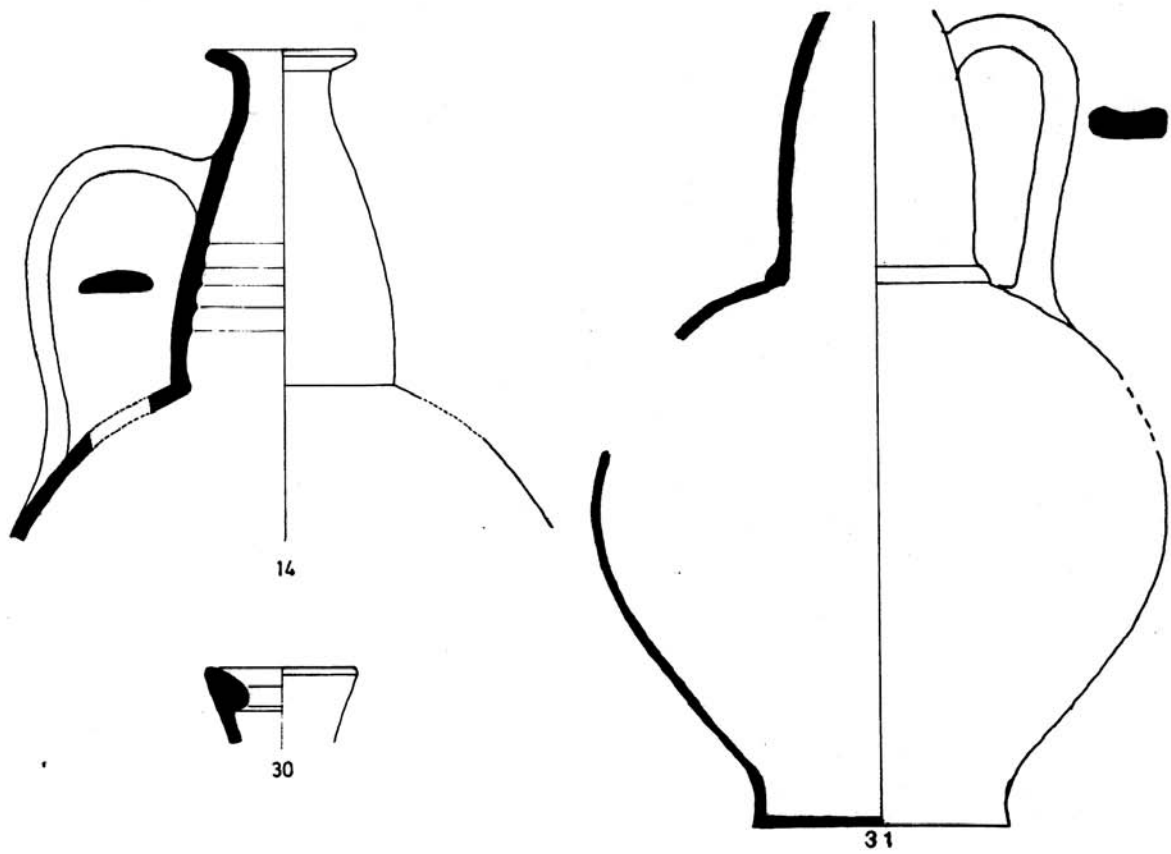


Fig. 2 - Formas dos vasos: jarros e pés

Quadro 1
Relação entre os perfis dos vasos, o local e estrato de proveniência

	Perfil I (púcaros)	Perfil II (púcaros)	Perfil III (copos)	Perfil IV (jarros)	Perfil V (pés)	Perfil VI (asas)	Indet.
Sector a	3 vasos Estrato 3 Estrato 5	3 vasos Estrato 1 Estrato 3		2 vasos Estrato 4	1 pé Estrato 4	1 asa Estrato 4	Estrato 4 Estrato 5
Sector d	8 vasos Estrato 2 Estrato 3		1 vaso Estrato 2		3 pés Estrato 2	1 asa Estrato 2	Estrato 2
Sector g	9 vasos Estrato 2 Estrato 3 Estrato 4 Estrato 5	1 vaso Estrato 5			2 pés Estrato 1 Estrato 2		Estrato 1 Estrato 3 Estrato 4 Estrato 5
Sector D	1 vaso Estrato 4	1 vaso Estrato 3	1 vaso Estrato 4	1 vaso Estrato 1			Estrato 1 Estrato 2 Estrato 3 Estrato 4
Necrópole				1 vaso			

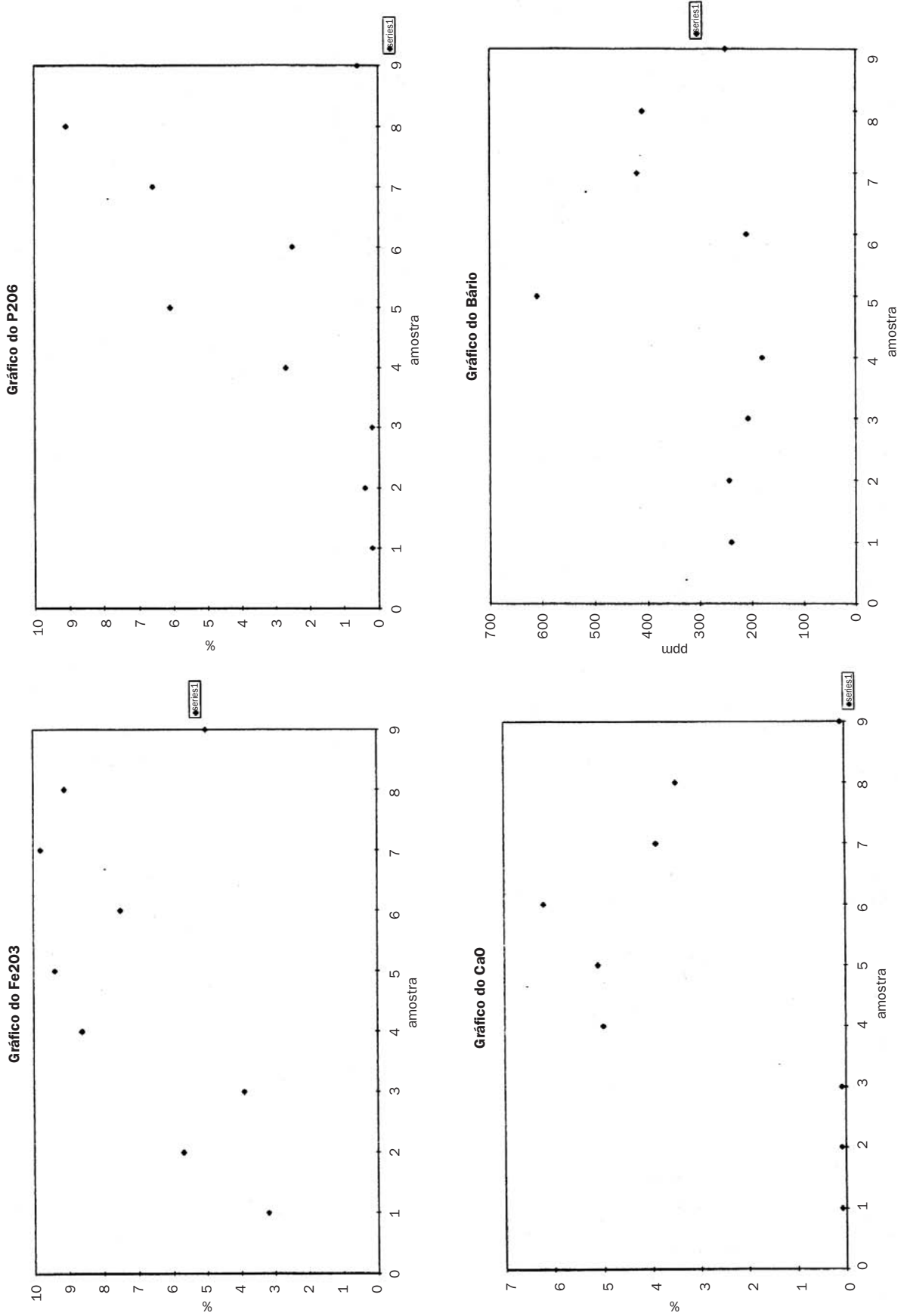


Fig. 3 - Gráficos relativos às análises semi-quantitativas do Ferro, Fósforo, Cálcio e análise quantitativa do Bário